

Retrospectivas em Londres de Ansel Adams e William Eggleston

O mundo a cores

A RETROSPECTIVA do centenário de Ansel Adams viajou para Londres e mostra-se até 22 de Setembro na Hayward Gallery. Na «Revista» de 6 de Abril, Jorge Calado já apresentou o fotógrafo e a revisão da sua obra proposta por John Szarkowski, primeiro inaugurada no Museu de Arte Contemporânea de São Francisco. O périplo continuará por Berlim, Los Angeles e Nova Iorque.

Em simultâneo, outra retrospectiva de um grande fotógrafo norte-americano, menos conhecido mas também seminal, ocupa as grandes salas

mento em que a circulação da fotografia nos museus e nas galerias de arte ganha uma importância substancial para a respectiva prática. Eggleston não fizera carreira na imprensa antes de ser descoberto pelo MoMA e as suas imagens, que se divulgam em «portfolios» de edição restrita e em livros de autor, correspondem a uma nova condição de fotógrafo artista. Por outro lado, as suas fotografias estabelecem com a cor uma relação como que fundadora: na «banalidade» dos seus temas, não representam um embelezamento a cores do real, surgem de um mundo visto a cores e não existiriam sem elas.

No momento em que a fotografia inclui definitivamente o universo das «Belas Artes» (depois de o ter procurado alcançar antes inúmeras vezes), as imagens de Eggleston (cor)respondiam à estetização da fotografia pelo mercado de arte com uma iconografia do que há de mais trivial e vernacular na paisagem e no quotidiano do sul dos Estados Unidos. Por vezes, há pontos de vista inesperados (enquadramentos descen-



William Eggleston, «Sem Título, Greenwood, Mississipi, 1973»

do piso térreo da galeria do South Bank: a de William Eggleston, um dos principais responsáveis pela afirmação e reconhecimento da fotografia a cores. Por sinal, foi o mesmo Szarkowski, então director do departamento de fotografia do MoMA, quem incentivou as suas experiências com a cor, no final dos anos 60, e depois organizou, em 1976, a exposição individual no Museu de Nova Iorque onde expôs pela primeira vez as suas «dry-transfer prints».

A cor foi explorada desde meados do século XIX, entrou nos magazines nos anos 30, impôs-se em 1945 nos domínios da fotografia aplicada (publicidade, moda, fotojornalismo) e foi adoptada pelos amadores ao longo da década de 70. Apesar de o MoMA, sob a anterior direcção de Steichen, já ter exposto em 1962 Ernst Haas (Viena, 1921 – Nova Iorque, 1986; membro da Magnum e famosíssimo colaborador da «Life»), foi a mostra de Eggleston que ficou reconhecida como uma viragem na história da fotografia, consagrando a cor como forma de arte.

Para além do poder do director, esse é o mo-

sólitas da câmara, ângulos estranhos), mas eles não surgem como artifício utilizado para desbanalizar o banal: uma banca de cozinha, um vestido pendurado, um triciclo abandonado, um velho anúncio na paisagem, o «close up» do interior de um congelador. Tudo «perfeitamente aborrecido», disse-se.

Nascido em 1939 em Memphis, Tennessee, onde ainda reside, admirou Robert Frank e Cartier-Bresson no início do seu trabalho, mas foi já influenciado pela geração do pós-guerra, em especial por Garry Winogrand e Lee Friedlander, e é contemporâneo dos fotógrafos da «Nova Topografia». Por sua vez, reconhece-se que inspirou David Lynch, Martin Parr e Nan Goldin (a qual o fotografa no catálogo, num quarto de hotel em Paris).

A retrospectiva de 250 provas é acompanhada por um catálogo editado pela Fondation Cartier de l'Art Contemporain e Thames & Hudson (£29.95), com mais de 150 fotografias a cor e as mais antigas a preto e branco. (HAYWARD GALLERY, ATÉ 22 DE SETEMBRO) Alexandre Pomar em Londres

da autoridade espiritual, no seio de um caminho ascendente que se inicia por uma obra de Maria José Oliveira, um «esqueleto» humano em tela recortada que é também esvaziada e jacente peça de vestuário simbólico. Ao manto sucede, com paragem numa camisa de homem de linho branco e umas meias bordadas, do século XVIII, um caminho de despojamento e purificação espiritual, filosoficamente interpretado em alguns textos e representado por uma sequência de sete pegadas moldadas em barro e vídeo-projecções onde o céu azul e o passar de nuvens sugerem a integração numa existência cósmica e eterna. Mesmo sem partilhar o teor simbólico da experiência existencial proposta, a instalação é impressionante. (ATÉ 30 JAN. 2003) A.P.

ANA AZPEITIA, EVA NAVARRO E INÊS REBELO

Galeria Arte Periférica

Colectiva de pintura que reúne obras de duas jovens artistas espanholas e de uma terceira portuguesa sob o signo da territorialidade. Não-lugares, estruturas arquitectónicas, possíveis vistas aéreas, traçados geométricos e plantas que se sobrepõem, fragmentam e interrompem, criando tramas cartográficas ambíguas e lugares ilusórios, marcam individualmente as pesquisas de cada artista. Eva Navarro fundamenta o seu trabalho na intercepção entre o figurativo e a abstracção, gerando espaços de solidão onde diferentes personagens olham, esperam e caminham em direcção ao vazio da pintura. Já o percurso de Ana Azpeitia e Inês Rebelo se institui na construção de uma memória visual fragmentária, manipulada como representação abstracta de realidades que se acumulam e se cruzam. E se no primeiro caso as telas são dominadas por teias ortogonais, de intenso valor cromático, que simultaneamente delimitam e ampliam os sistemas (urbanos, informáticos?) projectados, já no segundo as imagens vão-se construindo em profundidade, sobre alumínio, através de um jogo múltiplo de reflexos e opacidades que recortam arquitecturas no espaço. (ATÉ 21) Ana Ruivo